

Do João-Ninguém ao “tostão furado” – expressões brasileiras para coisas e pessoas “de pouco valor”

Clara da Silva¹
Anna Caroline de Oliveira²
Catarine Andrade Di Tomazzo Menezes³
Vitória Zaragoza Barros⁴
Orientação: Alexandre Medeiros⁵
(Co) orientadora: Giuliana Rapp Cinezi⁶
(Co) orientador: David Augaitis Fogaça⁷

Resumo: O artigo colige expressões populares brasileiras que designam insignificância, analisa seu alcance e significado, e busca estabelecer sua datação em cada caso.

Palavras Chave: expressões populares. insignificância e menosprezo. Brasil.

Abstract: The article collects Brazilian popular expressions that denote insignificance, analyzes their scope and meaning, and aims to establish the approximate period of their origin in each case.

Keywords: Popular expressions. insignificance and contempt. Brazil.

Introdução

O artigo reúne palavras e expressões populares com que o brasileiro se refere a pessoas, coisas ou situações consideradas insignificantes ou de pouco valor. Com base nessas formas, temos uma base para examinar aspectos de nossa visão do mundo: valores/preconceitos, sentido de hierarquia, estilo e humor nacionais. Basicamente é possível identificar parte da identidade cultural da população e sugerir eventuais cuidados com a comunicação no cotidiano, mesmo com expressões datadas, que preservam ou sofrem mudança em seu significado ao longo do tempo.

Parte importante da pesquisa é procurar estabelecer a data em que essas formas verbais ingressaram na imprensa nacional: com isto – muitas remontam ao século XIX – temos uma indicação do arraigamento da expressão (e da carga de

¹.Aluna do 3º. Médio do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

².Aluna do 3º. Médio do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

³.Aluna do 3º. Médio do Colégio Luterano de São Paulo - <https://www.luterano.com.br/>

⁴.Aluna do 3º. Médio do Colégio Luterano de São Paulo - <https://www.luterano.com.br/>

⁵.Pós – Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP; Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁶.Doutoranda em Biologia Química na Universidade Federal do Estado de São Paulo – UNIFESP; Professora do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁷.Pós – Doutor em Física pela Universidade de São Paulo – IFUSP; Professor do Colégio Luterano de São Paulo - <https://www.luterano.com.br/>

“valores” que traz em seu bojo). Daí que para a elaboração deste artigo, valemo-nos de uma valiosa ferramenta de pesquisa: o banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que oferece a consulta *on-line* de inúmeros jornais e revistas, desde o início do século XIX. Nas citações indicaremos o periódico, a sigla do Estado e a data de publicação.

Começamos por um levantamento: consultando com professores, parentes e conhecidos de várias gerações, obtivemos farto material, que constitui a base de palavras e locuções que expressam menosprezo, desvalorização ou insignificância de uma pessoa ou grupo: arraia miúda (mais vigente em Portugal) / bagrinho / carinha / chinfrim / gentalha / João Ninguém / Maria Ninguém / (de) meia pataca / (de) meia tigela / Mané (Zé Mané) / mixuruca / neguinho / pé rapado / populacho / povinho / ralé / sujeitinho / (um) tostão furado / Zé Povinho / Zé Ruela / zero à esquerda.

Selecionamos essas 22 formas, que refletem estruturas sociais hierarquizadas, atitudes de desprezo e visões de mundo popularmente compartilhadas.

Nossa pesquisa se assenta no fato de que as palavras e expressões – também em sua quantidade e variedade – se prestam a veicular (des)valores, tanto quanto as instituições. Nesse sentido, queremos, desde já, evocar a mentalidade de exclusão por parte das elites, recolhendo a seguinte passagem do verbete “Elevador” de Lauand (2023), com a sugestiva criação da expressão “elevador de serviço”:

O elevador, um tipo especial de elevador, sob medida para nossa sociedade de discriminação e exclusão, foi decisivo para que a elite tupiniquim, a partir do fim dos anos 30 e nos anos 40, aceitasse viver em apartamentos: o elevador de serviço. Assim o explica o jornalista Roberto Pompeu de Toledo, em seu livro sobre São Paulo:

Os moradores dos pioneiros prédios de aluguel eram pessoas de baixa renda. O lugar em que Jorge d’Alvelos, personagem de A estrela de absinto, de Oswald de Andrade, morava na avenida São João nem era chamado prédio de apartamentos, era prédio “de cômodos”. Num segundo momento, com a intenção de atrair os extratos superiores e vencer suas reservas contra a habitação coletiva, os empreendedores caprichavam para fazer os apartamentos parecerem o mais possível com casas. Salas grandes e múltiplos dormitórios constituíam parte da receita, mas mais decisiva ainda foi a invenção do elevador de serviço, com as respectivas entrada de serviço e área de serviço – algo desconhecido na Europa e nos Estados Unidos. Com isso somava-se a vantagem de ter a criadagem por perto com a de mantê-la atrás de barreiras que as separavam dos patrões. Uma prática surgida séculos atrás, nas senzalas, depois reencarnada nas habitações dos empregados nos fundos das casas ou destacadas em edículas, sempre que possível com entrada independente, agora tomava o elevador para instalar-se nas alturas (LAUAND, 2023, p. 149-150)

O nefasto preconceito é ironizado em uma tirada da sarcástica coluna “Pif-Paf”, de *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro, 22 de junho de 1957):

Empregados devem cair sòmente no poço do elevador de serviço.

Garantida a segregação, hoje em São Paulo a área construída de apartamentos já supera a de casas, como aponta matéria publicada em 7

de julho de 2021 no portal UOL, intitulada “São Paulo fica perto de ter mais apartamentos que casas”⁸.

Dada a extensão da pesquisa, dividimos o trabalho em duas partes e dois grupos de autores, trabalhando independentemente, mas em constante diálogo, coordenado pelo orientador desses artigos: uma primeira parte (até “Zé Povinho”) e uma segunda parte (a partir de “Pé rapado”), junto com a análise geral e as considerações finais.

Bagrinho

Para começar, uma forma depreciativa de pessoas: “bagrinho”.

Em delaração polêmica, o então presidente do STF, ministro Luís Roberto Barroso, em 28-09-2025, afirmou ser favorável a uma redução de pena para os *bagrinhos* condenados pelos acontecimentos do dia 8 de janeiro de 2023.

A medida reduziria o tempo de prisão dos condenados. Segundo Barroso, isso só teria validade para os “bagrinhos”. Ou seja: para aqueles que não financiaram ou arquitetaram a tentativa de golpe.⁹

Essa importante declaração reativou a palavra, ademais já muito comum e conhecida. A metáfora, em sua base, remete a um peixe de pouco valor e, além do mais, associado a acentuada limitação intelectual, pela expressão “cabeça de bagre”, como expõe Lauand (2023, p. 83):

A expressão “cabeça de bagre” remete originalmente a um aspecto, anterior e causa da burrice (a cabeça oca), recolhido em um provérbio que significava: “daí não sai nada”, “não há nada que esperar dessa situação”: “Cabeça de bagre não tem (o) que chupar” (“O Carapuceiro”, 4-6-1842). (...) Pela “lei do mínimo esforço”, o provérbio se reduziu à fórmula alusiva “cabeça de bagre” (LAUAND, 2023, p. 83).

Bagrinhos hoje – em contraposição aos chefes, aos tubarões – designa subalternos (em geral), os “peixes pequenos”, os “carinhas”, os paus mandados, a massa de manobra, os “manés” (para evocar outra famosa declaração do ministro Barroso...). (<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/11/15/luis-roberto-barroso-stf-video-nyc.htm>)

A palavra, porém, tem uma antiga origem esquecida: originalmente era empregada para estivadores não sindicalizados que assumiam tarefas de um colega autorizado, ficando este com a maior parte dos vencimentos, recebendo o bagrinho somente uma porcentagem ínfima do valor pago pelo trabalho.

Assim, “A Tribuna” de Santos publica, em 20-04-1940, a proibição legal desse trabalho aviltado:

⁸. UOL: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/07/07/cidade-de-sp-esta-perto-de-ter-mais-residencias-em-predios-do-que-casas.amp.htm>> acesso 11/06/2026.

⁹. UOL: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/09/28/barroso-diz-que-e-favoravel-a-reducao-de-penas-para-condenados-em-81.htm?cmpid=copiaecola>> acesso 11/06/2026

Apesar dessa proibição na letra da lei, durante muitos anos ainda se continuou a falar de estivadores autorizados x bagrinhos; estendendo-se o termo a outras categorias (como a dos carregadores do Mercado Central) e a “peixes pequenos” em geral.

João-Ninguém / Maria Ninguém

Outra forma insultuosa de se referir a uma pessoa considerada irrelevante é com a expressão: João-Ninguém. Essa forma surge em meados do século XIX (e persiste até hoje) para designar um pobre diabo, um homem sem nenhuma importância social, que nem sequer nome tem. Sua primeira aparição na BN dá-se em 1 de agosto de 1856, no jornal “O Liberal Pernambucano”:

Eu lhe farei pagar bem caro a insolencia com que um João ninguém se atreve a insultar-me.

João-Ninguém reina na BN (não é possível tecnicamente pesquisar “Zé Ninguém” na BN), até que cerca de cem anos depois, enfrenta a concorrência de Mané ou Zé Mané, datados pelo menos da década de 1960, neste caso juntando-se a qualidade de otário à insignificância; ou a de Zé Ruela (Lauand, 2023, p. 215).

Para o gênero feminino, encontramos “Maria Ninguém”, por sinal título de uma famosa composição de Carlos Lyra, que foi uma das faixas do histórico álbum de João Gilberto “Chega de Saudade” lançado em 1959.

(Declamado)

Pode ser que haja uma melhor, pode ser
Pode ser que haja uma pior, muito bem
Mas igual a Maria que eu tenho
No mundo inteirinho, igualzinha não tem

(Cantado)

Maria Ninguém
É Maria e é Maria, meu bem
Se eu não sou João de Nada
Maria que é minha é Maria Ninguém

Maria Ninguém
É Maria como as outras também
Só que tem que ainda é melhor
Do que muita Maria que há por aí
Marias tão frias, cheias de manias
Marias vazias pro nome que têm

Maria Ninguém
É um dom que muito homem não tem
Haja visto quanta gente que chama Maria
E Maria não vem

A canção obteve sucesso internacional (sobretudo na versão em espanhol: “Maria No Mas”), sendo interpretada (em português) até por Brigitte Bardot¹⁰.

Embora seja muito difícil pesquisar a data de sua aparição na BN, encontramos uma incidência em 1963. Elza Soares, contrastando seu sucesso no exterior com o menosprezo encontrado no Brasil, afirma:

Para o Brasil eu era apenas uma Maria Ninguém. Contente com o que ganhara em dinheiro, não me preocupei em fazer alarde do meu sucesso em Buenos Aires e Montevideú. Tudo me pareceu difícil outra vez. Eu voltei desempregada. Com o correr do tempo eu me vi em dificuldades.
 (“Intervalo” RJ, 15/09/1963).

Carinha, sujeitinho etc.

O diminutivo pode ser uma das formas de depreciar, como registra Lauand (2023, p. 94-95) – verbete “cara”, para “carinha”:

O diminutivo “carinha” (/ “nego” ou “neguinho”) cabe melhor em situações desfavoráveis: “O ônibus estava tão cheio, que tinha carinha saindo pela janela”; “Rolou tanta cachaça, que tinha carinha vomitando direto”. Ou para designar funcionários subalternos: “Severino, daqui a pouco vai vir um carinha da pizzaria fazer uma entrega, pode deixar subir”.

Para a acepção em pauta, não é fácil a pesquisa de datas na Biblioteca Nacional, porém demos com uma ocorrência que não nos parece distante do começo do uso nesse sentido. Alceu Valença, em entrevista ao Pasquim, fala de como fracassou em um de seus primeiros empregos, o de cobrador de dívidas (em vez de tomar o dinheiro, até ajudava o devedor):

O carinha dizia: “Meu irmão, não tenho culpa nenhuma [só que] não tenho dinheiro para pagar essa dívida”. [Alceu compadecido] Peguei minha carteira e dei dois cruzeiros para ele.
 (“O Pasquim” RJ, 10-10-1975)

O mesmo vale para “sujeitinho”. Se “sujeito” pode ser pejorativo; seu diminutivo, muito mais ainda: “sujeitinho arrogante, metido a besta”, “sujeitinho nojento” etc. Antiquíssima forma de desprezo, aparece na BN já em 1827, em artigo no qual “A Gazeta do Brasil” (RJ, 26-09-1827) desqualifica um “manganão” (trapaceiro) de jornal concorrente:

Observem agora os nossos Leitores, que casta de sujeitinho he o redactor da *Astrea*!

Zé Povinho

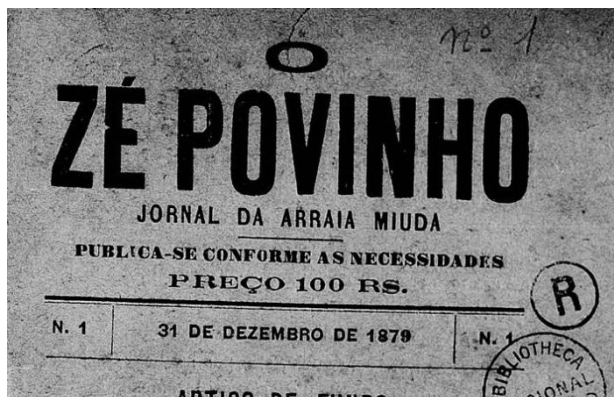
Para a massa insignificante e oprimida, o Brasil importou de Portugal, a expressão Zé Povinho (em Portugal, um personagem bem definido). Era comum no século XIX chamar depreciativamente o povo de “povinho”, mas em 1876 surgiu na

¹⁰. https://www.youtube.com/watch?v=fhIC4JzcqIo&list=RDfhIC4JzcqIo&start_radio=1 – acesso em 05/03/2026.

BN também a forma “Zé Povinho”, criada pelo Jornal carioca “O Mequetrefe”, que a empregou frequentemente, desde então, junto com diversos outros órgãos de nossa imprensa.

O Jornal relata um jantar (aparentemente fictício), onde os convidados vão entoando brindes. Até que o Sr. Elisio Mendes, faz um brinde ao “Zé Povinho, à baixa literatura, aos leitores de Jornais de 40 réis” (“O Mequetrefe” RJ, No. 55, 1876).

Logo foi lançado – também no Rio em 31-12-1879 – até mesmo um pequeno jornal chamado precisamente “O Zé Povinho”, com o subtítulo “Jornal da Arraia Miuda”.



Arraia miúda – Expressão documentada em português desde a Idade Média, designa (até hoje, em Portugal) o “povinho”. No Brasil, hoje quase em desuso, teve sua primeira aparição na BN no “Diario de Pernambuco”, em 02-04-1843.

Voltemos ao Zé Povinho, que naturalmente foi objeto de muitas caricaturas na BN, mas – ao contrário do que ocorreu em Portugal – o personagem não teve uma figura fixa, como vemos abaixo em um par de suas representações em “O Malho”.

Na imagen o personagem Zé Povinho está chorando ante o Ministro (“O Malho” RJ, 29-11-1902):

Zé Povinho: - Pelo amor de Deus, Sr Ministro, dê agua à gente. Morremos à sede, nem um banho se póde tomar... os encanamentos estão secos...

Ministro: - Água? Querem mais agua para [d]esperdiçar assim?

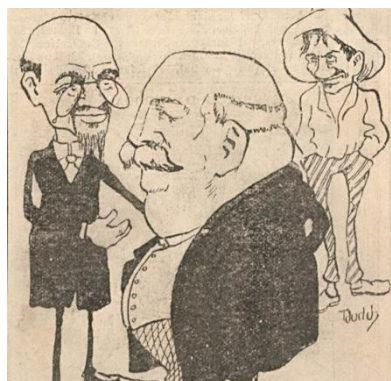


No mesmo “O Malho”, temos uma caricatura de uma conversa entre o Presidente Rodrigues Alves, o Barão do Rio Branco e o Zé Povinho, relegado a seu canto (O Malho - RJ, 06-08-1904):

Rodrigues Alves: - Seu Barão, este barulho do Paraná por causa da sentença de limites está me impressionando muito. Você, que é homem destas cousas, que é que diz?

Rio Branco: - O que lhe digo é que o Paraná tem razão. Aqueles territórios são d'elle. Sempre foram. Muito antes de D. João VI já eram. O Paraná está com o direito e Santa Catharina deve sair com a esquerda em frente.

[Zé] Povinho: - Eu sempre pensei assim, apesar de não ser barão...



Como dissemos, o personagem Zé Povinho foi criado em Portugal; o nosso é copiado do lusitano. Examinemos essa importante figura.

Em 12 de Junho de 1875 nasce Zé Povinho (“Seu Zé Povinho” na legenda posta numa das pernas das calças), dando para a cera de Santo António, na véspera do dia do santo lisboeta, que em Lisboa é e será seu sítio de representação. O jornal em que aparece é A Lanterna Mágica, em 1 de Maio lançada e que irá até 31 de Julho, quinze ou vinte dias antes da súbita partida de Rafael Bordalo Pinheiro para uma longa estada brasileira, no Rio, em continuação contratada da sua profissão de desenhador humorista de três jornais de sucesso [...] O Zé Povinho nasce no momento oportuno da história dessa pátria-parvónia, em fins de romantismo, no ano d’ O Crime do Padre Amaro do amigo Eça – que ninguém melhor do que Rafael Bordalo teria podido ilustrar mais do que fez, se tivesse sido caso disso¹¹.



Pé-rapado

¹¹. A “S. Pedro Paio” – Litografia - Ass: R. Bordalo Pinheiro - A Lanterna Mágica, 26.06.1875, p. 52-53 - MRBP. RES.18 - <https://museubordalopinheiro.pt/o-ze-povinho/o-ze-povinho-sempre-o-mesmo/> - acesso 14/04/2026

Pé-rapado põe a ênfase do menosprezo na pobreza do indivíduo. Neste item seguimos a criteriosa análise de Sérgio Rodrigues para a Revista Veja em 14/04/2014.

Câmara Cascudo, em seu livro “Locuções tradicionais no Brasil” registra pé-rapado como sinônimo de “descalço, de pés nus, pé no chão” – e portanto, por metonímia, uma designação dada à “mais humilde categoria social”. Pé-rapado era o pobretão, sobretudo da zona rural, que andava descalço e por isso era obrigado a raspar (ou rapar) os pés para lhes tirar a lama.

Não se sabe exatamente quando surgiu a expressão, mas lembra Câmara Cascudo que ela já aparece na segunda metade do século XVII nos versos que Gregório de Matos dedicou a uma mulata baiana que lhe havia pedido um cruzado para consertar os sapatos:

Se tens o cruzado, Anica,
Manda tirar os sapatos,
E senão lembra-te o tempo
Que andaste de pé rapado.

Expressão difícil de pesquisar na BN (por conta do monossílabo “pé”), mas encontramos em 1831 esta passagem (o *italico* é do original):

Elle [um empresário de fundição] adverte aos seus freguezes de *pé rapado*, que d’ora em diante será mais cuidadoso a fim de não sahirem [seus produtos] falhados (“O Simplicio” RJ, 31-15-1831).

Gentalha

Tal como o diminutivo, por vezes o aumentativo pode ser um modo de menosprezar, como é o caso de “gentalha”, muito usado na BN e cuja primeira aparição ocorre em :

Estes homens alliciaram alguma gentalha da Frequezia de S. Gonçalo, para começar huma sublevação estribada nas mais futeis calumnias (O Patriota - RJ, No. 1 – julho 1813)

“Gentalha”, palavra encontrada no português desde 1622 e originada no sugestivo aumentativo italiano *gentaglia* (Houaiss), é muito expressiva¹².

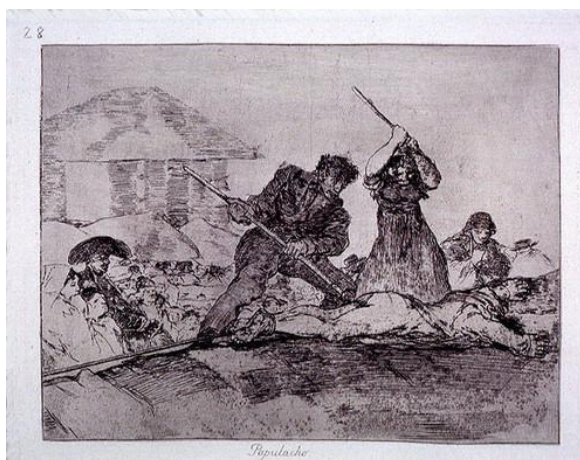
Nas últimas décadas foi revitalizada pelo indefectível bordão de Dona Florinda: “Vamos, Tesouro, não se misture com essa gentalha!”



¹². “Gentalha” (desde 1622) - gente + alha – pejorativo; do italiano *gentaglia* (sXIV) - gente desprezível, sinônimos de ralé – HOUAISS (UOL) - https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/86161:13e/ - acesso 15/04/2026.

Populacho

Outro aumentativo depreciativo, provavelmente também derivado do italiano, *popolaccio* (Houaiss), para designar a **ralé** (esta, na língua desde o séc. XIV – Houaiss)¹³.



Populacho (1863) – Francisco De Goya

<https://calisphere.org/item/e11667a3f807a58ebf32e6651da982f4/> - acesso 04/05/2026

“Populacho”, surge na BN em 1827, em texto no qual um editorialista denuncia as manobras insidiosas de um tal Ranhoso:

Tal he a tactica do Sr. Ranhoso: tactica tão influente sobre o populacho, quanto debil e desprezivel (Diario de Pernambuco, 22-02-1827).

Tostão furado (não valer um)

“Tostão furado” aparece na BN desde o começo do século XX (“O Rio-Nú”, 25-07-1908) significando algo de pouco valor, mas somente em 1932 surge na expressão “não valer um tostão furado”, aplicada sobretudo a pessoas. Um articulista, criticando o governo autoritário de Vargas e seus “concertadores”, diz:

Os concertadores não valem um tostão furado.
 (“Diario de Noticias” RJ, 16-01-1932)

Pode-se ainda considerar um significado literal ao termo “furado”, ou seja, referir-se ao ato de furar a estrutura da moeda, adulterando-a fisicamente a ponto de torná-la sem valor comercial de troca, inutilizando-a. Isso atribuído a pessoas reforça o ato de desvalorização ou menosprezo.

De meia pataca

Outra expressão depreciativa ligada a moeda de baixo valor é “de meia pataca”. As patacas foram as moedas que por mais tempo circularam no país – de 1695 a 1834. Em 1834, a Casa da Moeda do Rio de Janeiro cunhou uma nova série de moedas para substituir as patacas. Nas décadas seguintes, “meia pataca” firmou-se como sinônimo de coisa de pouco valor. Assim, falando da quantia necessária para comprar o voto de um deputado, lemos:

¹³. HOUAISS (UOL) - https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/08b/populacho - acesso 15/04/2026.

[O corruptor] ha de saber o que lhe custa... não he por qualquer meia pataca que elle [o deputado venal] entra no recinto [para votar].
("Revista Illustrada" RJ, 17-03-1877)

A partir da segunda metade do século XX, significando "que não vale nada", aumenta o uso da expressão em locução adjetiva (frequentemente associada a diminutivo): "ditadorzinho / ator / médico / goleirozinho (etc.) de meia pataca". No mesmo sentido, emprega-se também o adjunto adnominal "de meia tigela", que com esse sentido pejorativo comparece na BN já nos anos 1830. Criticando publicação de uma matéria de um jornal concorrente, "O Despertador" (RJ, 1-02-1839) afirma que nem merece:

"ser lida por qualquer leitor de meia tigela" (O Despertador - RJ, 1-02-1839)

Chinfrim

Aparece na BN em 5 de julho de 1863, no sentido de "espalhafatoso" quando o cronista do carioca "Jornal do Commercio", comentando sobre um banquete em homenagem a um político, afirma ter sido um jantar caro...:

o que assaz se comprova no detalhe um pouco chinfrim das diversas iguarias, detalhes que não nos poupam os periodicos nesta quadra gastronomic. Segundo o costume, a lista é em francez [segue-se a enumeração detalhada dos 15 itens do menu] (Jornal do Commercio - RJ, 5-7-1863)

Logo aparece também como substantivo, no sentido de "diversão buliçosa" (talvez festas, bailes ou teatro de baixa qualidade):

O que se diz, é que nesta capital não ha distração honesta para as familias, mas o que não se diz é que por toda parte ha *chinfrim*, e aguardante nos intervallos.
("A Voz do Amazonas", 21-11-1866)

Chinfrim recebe também o sentido que tem hoje de "ordinário", "de baixa qualidade", como quando um jornal investe contra um concorrente:

Esta taverna chinfrim entre as tavernas chinfrins [é também] escriptorio da redacção de um novo papelucho a que deram o pomposo nome de *Portugal*.
("O Portuguez" RJ, 14-07-1864)

Mixuruca

Gíria carioca, surgida em 1955 na BN, significando algo "sem valor ou qualidade, ou que não faz vista; barato, pobre, ruim" (Houaiss). Aparece por primeira vez no "Diario Carioca", de 20-03-1955, na coluna de Janjão Cisplandim: um "homem notadamente imbecil" ouve Vitor Costa, o grande empresário da comunicação, gabar-se de uma semana de apresentação do imponente elenco de estrelas de sua Rádio Mundial.

Então o homem notadamente imbecil perguntou: "... quando acabar isso a Mundial volta aos programas mixuruca?... (Diario Carioca - RJ, 20-03-1955)

(Fulano é um) Zero à esquerda

Para essa forma, recolhemos a análise de Lauand (2026, p. 81-82),

Ao definir essa expressão, acertadamente diz o Houaiss: “indivíduo destituído de valor, sem competência, capacidade ou préstimo; um nada, uma nulidade, um zero”. “Zero à esquerda” surge na imprensa nacional em 1890 e o cronista Marasquino, sente-se na obrigação de explicar a nova forma:

“O directorio do partido republicano da capital considerou-me em relação com a politica da terra com o mesmo valor do zero a esquerda do algarismo” (O Paiz - RJ, 18-07-1890).

Tal expressão procede da Matemática, uma vez que para números inteiros ajuntar zeros à esquerda não agrega valor, sendo tal adição inútil do ponto de vista quantitativo. Por exemplo: 8 é igual a 08, que por sua vez é igual a 008 etc.

As expressões, seu alcance e formas

Antiguidade e enraizamento

Todas essas expressões continuam vivas no falar do povo (a exceção é “arraia miúda”, vigente em Portugal e, hoje no Brasil, um tanto ausente).

Arraia miúda – na BN desde 1843 (“Diario de Pernambuco”, em 02-04-1843).

Bagrinho – Na BN já em 1940 (“Tribuna de Santos”, 20-04-1940)

Carinha – o sentido que nos interessa é provavelmente da 2ª. metade do séc. XX (“O Pasquim” RJ, 10-10-1975)

Chinfrim – na BN em torno de 1860 (“Jornal do Commercio” RJ, 5-7-1863)

Gentalha – na BN desde 1813 (“O Patriota” RJ, No. 1 – julho 1813)

João Ninguém – Na BN desde 1856 (“O Liberal Pernambucano”, 1 -8-1856)

Maria Ninguém – difícil de pesquisar na BN. Título de famosa canção de 1959 (“Intervalo” – RJ, 15/09/1963).

(de) Meia Pataca – no sentido que nos interessa, na BN desde c. 1850 (“Jornal dos Pobres” RJ, 6-5-1850).

(de) Meia Tigela – no sentido que nos interessa, na BN desde 1839 (“O Despertador” RJ, 1-02-1839)

Mané – no sentido que interessa, na BN desde c. de 1960 (LAUAND, 2023, p. 215).

Mixuruca – Na BN desde 1955 (“Diario Carioca”, 20-03-1955)

Neguinho – forma usual antiquíssima (“Libertador” CE, 7-9-1889)

Pé rapado – Na BN ao menos desde 1831 (“O Simplicio” RJ, 31-15-1831).

Populacho – Na BN desde 1827 (“Diario de Pernambuco”, 22-02-1827)

Povinho – forma usual antiquíssima (“Correio Paraense” PA, 1893)

Ralé – na língua desde o séc. XIV (“Gazeta do Rio”, 22-8-1810)

Sujeitinho – Na BN desde 1827 (“A Gazeta do Brasil” RJ, 26-09-1827)

(um) Tostão Furado – no sentido que nos interessa, na BN desde c. de 1930 (“Diario de Noticias” RJ, 16-01-1932)

Zé Mané – no sentido que interessa, na BN desde c. de 1960 (LAUAND, 2023, p. 215).

Zé Povinho – Na BN, desde 1876 (“O Mequetrefe” RJ, No. 55, 1876).

Zé Ruela - (difícil de pesquisar na BN – data incerta).

Zero à esquerda – Na BN desde 1890 (O Paiz - RJ, 18-07-1890).

A mera datação das formas de menosprezo correntes entre nós já traz um dado impressionante e que causa inquietação, pois revela o arraigamento delas e sua perpetuação. Praticamente todas são muito antigas (e mesmo bicentenárias):

10 são da (pelo menos) primeira metade do séc. XIX

4 são da segunda metade do séc XIX

6 são do séc. XX e anteriores a 1960

Os alvos do menosprezo

1. Menosprezo da pessoa comum, sem importância social ou poder

arraia miúda – a massa popular sem prestígio; conjunto de pessoas de baixa condição.

gentalha – multidão vulgar, desprezada.

populacho – povo grosseiro, plebe.

povinho – povo pequeno, insignificante, dito com desdém.

ralé – classe inferior, desprezível.

João Ninguém / Maria Ninguém / Zé Povinho – o indivíduo sem valor, comum, apagado.

Zé Ruela – sujeito sem prestígio, incompetente, tolo.

Zero à esquerda – pessoa totalmente inútil, sem influência ou relevância.

2. Menosprezo econômico ou de valor (“não vale nada”)

Remetem a algo sem valor monetário, portanto simbólico de insignificância ou inutilidade:

(de) meia pataca – de pouco valor, ordinário.

(de) meia tigela – de qualidade duvidosa, inferior.

(um) tostão furado – sem valor algum.

mixuruca – de pouquíssimo valor, mesquinho, insignificante.

chinfrim – barato, de má qualidade, vulgar.

3. Menosprezo individual ou moral (ridicularização pessoal)

Visam o desdém individual, o tom de zombaria pessoal ou moral:

carinha – modo diminutivo e condescendente; trata o outro como alguém pequeno, sem importância.

neguinho – introduz o fator racial

sujeitinho – forma depreciativa e irônica, que rebaixa o interlocutor.

Mané / Zé Mané – tolo, ingênuo, sem esperteza; pessoa facilmente enganada.

bagrinho – alguém de pouca importância num grupo; sem “peso”.

pé rapado – pobre, sem posses; usado com desdém social.

4. Expressões coletivas ou generalizadoras

Algumas expressões pertencem a mais de um grupo, pois têm duplo foco:

arraia miúda, ralé, povinho – combinam desprezo social e econômico.

Zé Povinho, João Ninguém – unem o sentido social (plebe) e moral (insignificância).

Formas linguísticas do desprezo

1. Diminutivos depreciativos

O diminutivo usado para reduzir simbolicamente o valor ou a dignidade da pessoa ou do grupo.

carinha

neguinho

sujeitinho

bagrinho

povinho

Zé Povinho

2. Aumentativos depreciativos

O aumentativo usado para ridicularizar.

populacho

gentalha

3. Forma compostas e nomes genéricos com prenome popular

Expressam anulação da identidade individual: o sujeito vira um tipo genérico, “ninguém”.

João Ninguém

Maria Ninguém

Zé Povinho

Zé Mané

Zé Ruela

O uso de nomes próprios comuns (João, Maria, Zé) cria efeito de anonimato e vulgaridade.

4. Adjetivos e locuções de som cômico ou ridículo, reforçando o desprezo

chinfirim

mixuruco

ralé, arraia miúda – ritmo curto e seco, marca inferioridade.

5. Referência a valores econômicos

tostão furado

meia pataca

meia tigela

Considerações finais

Ao final deste percurso, não podemos deixar de admitir a existência – também em nível de linguagem – de um muito preocupante sistema de exclusão e desprezo em nossa sociedade. Já é escandaloso que tenhamos facilmente reunido mais de 20 expressões desse sistema e que a grande maioria delas mantenha sua força viva desde o século XIX.

Observamos também a variedade linguística de manifestar esse menosprezo (diminutivos, aumentativos etc.) e os vários direcionamentos desses ataques (a indivíduos ou grupos). Parece-nos, assim, que a linguagem (essas disfunções da linguagem...) seja parte desse sistema que, desde sempre, informa a sociedade brasileira. E que não só não tende a desaparecer, como mostra sinais de permanência e desenvolvimento: concluímos recordando um episódio ainda recente (2010), tristemente emblemático.

No Jornal a Folha de São Paulo de 13/08/2010, temos a rejeição da “elite” paulistana de Higienópolis ao projeto de instalar metrô naquele bairro rico.

Moradores de Higienópolis se mobilizam contra estação de metrô.

Grupo iniciou movimento no bairro central para impedir a construção da estação Angélica.

“Gente diferenciada”

Enquanto escolhe produtos na tradicional Bacco's Vinhos da rua Sergipe, cujo imóvel pode ser desapropriado pelo Metrô, a psicóloga Guiomar Ferreira, 55, que trabalha e mora no bairro há 25 anos, diz ser contrária à obra.

“Eu não uso metrô e não usaria. Isso vai acabar com a tradição do bairro. Você já viu o tipo de gente que fica ao redor das estações do metrô? Drogados, mendigos, uma gente diferenciada...”¹⁴

A madame lançou o embrião de mais uma expressão de exclusão para nossa lista: “gente diferenciada”!

¹⁴. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1308201011.htm>> acesso 01/06/2026.

Referências Bibliográficas

LAUAND, Jean. *Pequeno dicionário de expressões brasileiras - Vol II* - São Paulo: Enguaguaçu, 2023

LAUAND, Jean. *Analisando e datando expressões brasileiras: P-Z* - Revista Internacional d'Humanitats N. 66-67 jan-ago 2026 - Edição especial da Série Coepta N. 14-15 (inclui jovens autores) - CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona / Colégio Luterano São Paulo, 2026

RODRIGUES, Sérgio. “Sobre Palavras (Veja)” 14-04-2014. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/de-onde-vem-a-expressao-8216-pe-rapado-8217/>

Recebido para publicação em 06-07-26; aceito em 10-08-26